

Por que a Inglaterra sofre tanto na crise

Uma das possíveis respostas: a indústria foi deixada em segundo plano diante dos serviços

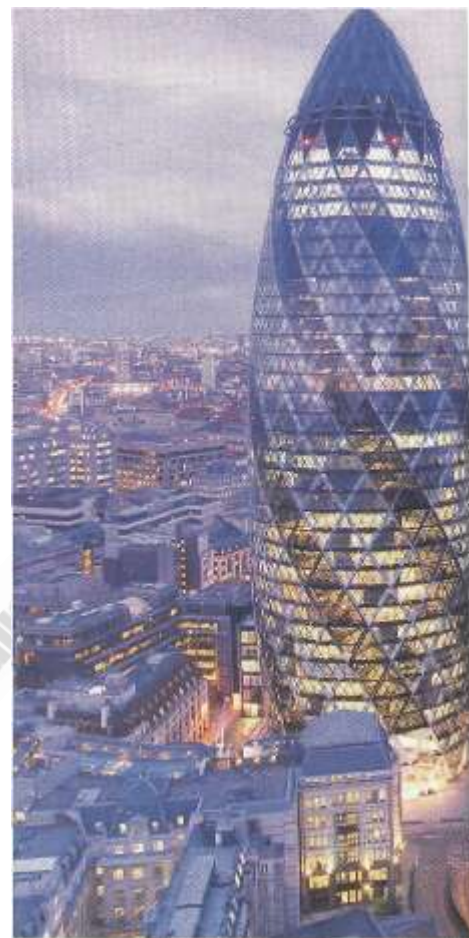
Paulo Nogueira, de Londres

Não é nada bom quando é preciso acrescentar um adjetivo forte à palavra recessão para definir o estado da economia de um país. É o que está acontecendo hoje com a Inglaterra - que vem sendo castigada de forma particularmente brutal pela crise financeira global. "Estamos numa recessão profunda", disse na semana passada o presidente do Banco Central inglês, Mervyn King. Os prognósticos que King trouxe para a mesa são ainda piores que os maus números previstos anteriormente pelo governo do primeiro-ministro trabalhista, Gordon Brown. Segundo o Banco Central, a economia inglesa deve cair 3,5% em 2009 e experimentar apenas um crescimento "anêmico" em 2010. Os desempregados podem bater em breve no patamar de 2 milhões. "É a pior crise dos últimos cem anos", disse dias antes Ed Balls, membro do gabinete de Brown. A frase espetacular ganhou as manchetes por mudar - supostamente - um paradigma. Até ali, todos concordavam que não se via nada tão ruim desde a Grande Depressão dos anos 30. Logo se viu que Balls falara apoiado não nas estatísticas, e sim no desespero. Não havia comprovação estatística para suas palavras quase fúnebres - o que não impediu que a mídia lhes desse imenso destaque. Mas, ainda que incorretas, elas expressaram à perfeição o estado de espírito que domina a Inglaterra nestes dias.

Foi nesse cenário de pessimismo que o ministro dos Negócios, Peter Mandelson, pediu

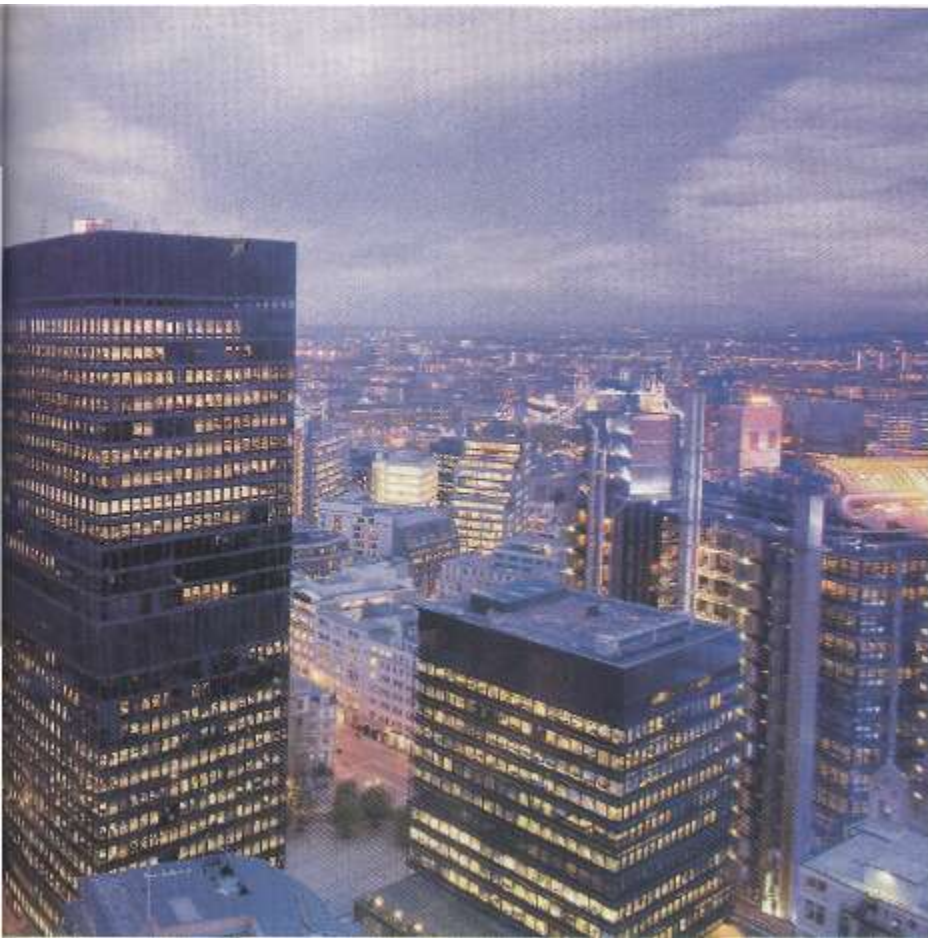
na semana passada cuidado a seus companheiros de partido em suas declarações para que não se semeie um pânico capaz de agravar ainda mais a situação. Afirmarções incendiárias, sabe-se, alimentam facilmente crises de confiança. Note-se que, pouco tempo atrás, o chefe de Mandelson, Gordon Brown, deixou escapar a palavra "depressão" - que significa basicamente uma recessão que-subiu vários degraus consistentemente - ao falar do estado da economia mundial. Depois Brown fez uma emenda de caráter apaziguador. Mas, àquela altura, sua definição depressiva para o mundo de hoje já ganhara as primeiras páginas dos jornais e trouxera ainda mais inquietação a um mercado já inquieto. Há razões concretas para tanta aflição? A respeitada revista inglesa *The Economist* dedicou um extenso espaço ao caso em sua edição da semana passada - e sugeriu que, assim como houvera exagerado otimismo nos tempos bons, poderia estar havendo exagerado pessimismo nestes dias.

O problema é que não estão aparecendo fatos e números capazes de mitigar o pessimismo. E está aberta a temporada de caça aos culpados pela rápida mudança no status da Inglaterra: de país símbolo de vitalidade e modernização econômica a um caso dramático na crise financeira mundial. Os primeiros olhares, nessa caça, se dirigem aos bancos e banqueiros estabelecidos na célebre City de Londres - motivo de orgulho nacional até recentemente. Londres se tornou, nos últimos anos, um centro financeiro só com-



parável a Nova York. Há um consenso de que os banqueiros ingleses se comportaram de maneira irresponsável, movidos pelo desejo de ganhar bônus milionários no curto prazo - e desprezando todos os sinais de alerta que apareciam. Quando o primeiro estampido da crise provocada pelos créditos podres imobiliários foi ouvido nos Estados Unidos, em 2007, as defesas dos bancos ingleses estavam alarmantemente frágeis. Alguns dos maiores desabaram - e com eles a economia inglesa. Tamanho é o rombo na imagem dos banqueiros que, nos últimos dias, foi lembrada uma sugestão saída do parlamento inglês no passado distante: os banqueiros deveriam ser amarrados num saco cheio de cobras e atirados ao fundo do Tâmsa.

Advertências não faltaram. Um documento de 1997 do Banco Central da Inglaterra dizia que os grandes bônus pagos estimulavam riscos excessivos - capazes de transformar o futuro num pesadelo. Houve aí uma combinação que se tornaria nitroglicerina: nem os banqueiros modificaram sua conduta, nem o Banco Central - num momento em que palavras como fiscalização e regulamentação eram encaradas como anátemas - agiu com energia. Dias atrás, Paul Moore, antigo chefe de risco do HBOS, um dos bancos salvos



PERDAS

A city londrina setornou um centro financeiro só comparável a Nova York. Mas não é mais motivo de orgulho

nos serviços e deixar a indústria em segundo plano? Passada a turbulência atual, o país que deu ao mundo a Revolução Industrial deveria produzir mais bens do que produz? Eis um debate que mobiliza, hoje, a Inglaterra. Em 2007, ela foi responsável por 3,8% da produção industrial do mundo. Não é um número em si próprio. Longe disso: a Inglaterra é o sexto maior produtor industrial do mundo. Mas, quando se olha para o passado, vê-se o quanto o país se desindustrializou. Em 1850, no apogeu do império britânico, era feito na Inglaterra quase um terço dos produtos manufaturados do mundo. Não vale recuar para tanto tempo atrás? Está bem. Em 1970, a indústria respondia por 32% do PIB inglês. Agora, por apenas 13%.

Para muitos, o foco nos serviços em detrimento da indústria teria tirado da economia inglesa um equilíbrio que poderia torná-la menos vulnerável diante da crise financeira global. "A crise do crédito expôs os riscos de uma economia desbalanceada", diz John Rose, presidente da Rolls-Royce - um dos símbolos brilhantes remanescentes da indústria inglesa. O desequilíbrio se estampa no número de empregados em cada área. A indústria inglesa emprega hoje 3 milhões de pessoas. É menos que metade do exército

- sob alto risco nestes dias, de resto - de 6,5 milhões de funcionários dos serviços financeiros. "Para o futuro, a Inglaterra precisa de uma economia com menos engenharia financeira

e mais engenharia real", disse o ministro Mandelson. Reindustrialização - eis uma palavra que tende a fazer cada vez mais parte do vocabulário de economistas, empresários e políticos ingleses. Dado o apelo glamoroso e enfeitiçador que a economia "pós-industrial" adquiriu nos últimos anos, os movimentos da Inglaterra na busca de um caminho para trilhar no futuro tenderão a ser cuidadosamente examinados não apenas localmente - mas globalmente. +

pelo governo com uma bilionária dose de dinheiro público, afirmou, que fez seu dever. Moore disse que chamou a atenção repetidas vezes para o crescimento perigoso do HBOS. Segundo sua história, como resposta a seus alertas, ele foi demitido em 2005 pelo então presidente do banco, James Crosby. "Qualquer um que não estivesse cego pelo poder, pelo dinheiro e pelo orgulho teria percebido o acúmulo de problemas", afirmou Moore.

Crosby, acusado por Moore, é uma das estrelas mais reluzentes no elenco dos vilões da crise. Ele deixou o HBOS em 2006, antes do colapso - mas há fortes sinais de que legou ao sucessor um caso perdido. Crosby tinha 50 anos ao se retirar e uma elevada reputação. Saiu de seu precoce ócio milionário - uma pensão de 572 000 libras por ano, ou cerca de R\$ 2 milhões - graças a um convite de Brown. Brown o indicou para uma posição de comando no órgão incumbido de fiscalizar - com atraso, com certeza - o sistema financeiro inglês. Crosby renunciou depois da acusação de ter demitido o funcionário que afirma tê-lo avisado de que o caminho era perigoso demais. Não foi só sua reputação que se manchou. Foi mais um episódio desagradável entre tantos os que têm sido vividos pelo homem que nomeou Crosby

- o primeiro-ministro Gordon Brown. O influente jornal *Financial Times*, numa fina imagem pugilística, disse que, ao lidar com a complexa crise financeira, Brown tem parecido "um boxeador fazendo sombra com movimentos frenéticos" - e de escassos resultados. Brown, no plano das palavras, tem comandado um ataque cerrado ao sistema de bônus dos bancos. Os ingleses ficaram particularmente chocados ao saber que o Royal Bank of Scotland, outro destinatário de copioso dinheiro público para evitar o cemitério, planejava pagar um total de 1,2 bilhão de

libras em bônus a seus funcionários, depois detertido um prejuízo de 28 bilhões de libras.

Teriam os bancos - e os serviços em geral - ocupado um espaço maior na economia inglesa do que deveriam, em detrimento da indústria? Se sim, estaria aí uma das razões de uma crise econômica tão profunda? Estaria errada a idéia hegemônica nos últimos anos das vantagens competitivas de uma "economia pós-industrial, de acordo com a qual é estrategicamente correto se apoiar

Há um consenso de que os banqueiros ingleses se comportaram de maneira absurdamente irresponsável